



Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de 70 anos do Iphan: proclamação do samba como Patrimônio Nacional e entrega da Ordem do Mérito Cultural para Oscar Niemeyer

Rio de Janeiro-RJ, 29 de novembro de 2007

Quisera Deus que eu fosse sambista. Durante 20 anos pedi para a Benedita me ensinar, mas ela também não aprendeu.

Meu querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Meus queridos companheiros ministros de Estado Gilberto Gil, da Cultura; Marta Suplicy, do Turismo; Márcio Fortes, das Cidades, e Matilde Ribeiro, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Deputados federais Edson Santos, Edmilson Valentin, Luiz Sérgio e Jorge Bittar,

Senhoras deputadas e senhores deputados estaduais,

Nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social,

Meu querido companheiro Luiz Fernando de Almeida, presidente do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural – Iphan,

Companheiros e companheiras representantes do Samba Carioca,

Companheiros e companheiras convidados e convidadas,

Jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje não, esta semana é uma semana em que eu tive razões para ficar feliz. Não sei se vocês já perceberam quantas vezes a gente fica feliz num dia



e, no mesmo dia, quantas vezes a gente fica triste. Eu fiquei feliz porque realizamos um ato da ONU no Brasil, um ato do PNUD que fez uma avaliação da qualidade de vida do povo brasileiro: o Índice de Desenvolvimento Humano. E pegou apenas o ano de 2005, não pegou nem 2006, nem 2007. Eu até convidei o PNUD para vir ao Brasil em 2012 lançar o outro Relatório, porque aí ele vai ter pego todo o nosso mandato e vai poder medir se o Brasil melhorou ou não melhorou. A alegria é porque o Brasil, ainda de forma lenta, entrou no rol dos países de bom desenvolvimento humano. Ainda podemos fazer e precisamos fazer muito mais, mas eu acho que encontramos o caminho. Isso me deixou feliz.

Na mesma semana eu fiquei triste porque eu sou vascaíno, aqui no Rio de Janeiro e sou corintiano, em São Paulo. Ontem, eu nunca torci tanto por um empate. Um jogador do Vasco cabeceia uma bola sem querer, que bate sem querer na perna do jogador do Corinthians, que sem querer marca um gol contra, e o Vasco jogou o Corinthians, sem querer, para a boca do abismo de enfrentar o Grêmio, em Porto Alegre, e, quem sabe, passar para a segunda divisão. Isso é triste. Mas de qualquer forma é alegre também, porque muita gente, de forma pejorativa, diz que o futebol brasileiro não é sério. Nós precisamos lembrar que aqui, neste estado, times como o Botafogo e o Fluminense já foram rebaixados. Nós temos que lembrar que, em São Paulo, times como o São Paulo e o Palmeiras já foram rebaixados. Nós temos que lembrar que o Grêmio, em Porto Alegre, já foi rebaixado, o Atlético Mineiro já foi rebaixado, para falar apenas dos principais times. Portanto, se o Corinthians for rebaixado é triste, mas é bom porque significa que o futebol brasileiro age com seriedade quando tem que permitir que alguém suba ou quando tem que permitir que alguém desça. O Corinthians está colhendo o que plantou. Não plantou nada, não vai conquistar nada.

É a primeira vez que eu faço uma crítica ao Corinthians, porque a minha geração, a geração das pessoas de cabelo branco que estão aqui, nós não



éramos habituados a ir aos estádios para vaiar o nosso time. Eu duvido que um flamenguista fosse ao estádio, há 30 anos, para vaiar o Flamengo, um vascaíno, um palmeirense, um são-paulino. Hoje o futebol ficou escravo da torcida organizada, que vai lá para vaiar mesmo, ameaçar, bater em jogador, um monte de coisas. Quem sabe um dia a gente transforme também o futebol em patrimônio cultural deste País, porque o futebol é cultura, sobretudo se a gente assistir o filme do Mané Garrincha ou assistir Pelé Eterno.

Estou feliz porque estou aqui na comemoração dos 70 anos do Iphan e homenageando a sua majestade, o samba brasileiro. Mesmo um perna dura como eu é capaz de mexer com o pé quando começa a tocar um samba.

Estou feliz porque na semana passada assisti o filme do Cartola, e aconselho vocês: assistam. Por favor, não comprem pirata, vão numa locadora e aluguem, que é um momento inesquecível deste País.

Antes de ler o meu discurso aqui... Eu percebi que eu sou um homem feliz porque quando eu assisti o filme do Vinícius de Moraes... eu não tinha amizade com o Vinícius e não fui convidado para aquela casa de porta aberta que ele tinha em Petrópolis, onde qualquer um podia entrar e tinha bebida lá, esperando. Beber sem pagar...

Mas estou feliz por estar vivendo este momento. É um pena que o nosso querido Oscar Niemeyer não esteja aqui, não tenha podido estar aqui, não pôde ir a Brasília, mas quando a montanha não vem a Maomé, os Maomé vão à montanha amanhã. Nós vamos fazer uma visita a ele, na casa dele, e entregar a condecoração do Ministério da Cultura para ele.

Meus companheiros e companheiras,

Feliz é o presidente que tem o privilégio de participar de um momento tão profundamente significativo como este, uma verdadeira festa na qual a cultura e a história do Brasil são os principais homenageados.

Em primeiro lugar, lembro como é simbólico o local desta solenidade tripla: o Palácio Gustavo Capanema. Este edifício é um dos símbolos do



momento histórico em que o Brasil, o gigante adormecido do século XX, despertou para seu destino de nação desenvolvida. Nação que devia abandonar o passado de um país agrícola, latifundiário e dependente do capital externo, para iniciar a sua caminhada rumo a um futuro de autodeterminação, prosperidade e justiça social.

Na equipe de arquitetos designados para projetar o prédio, pelo então ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, estava o jovem Oscar Niemeyer que, por não estar aqui, como eu disse, amanhã estaremos lá levando a sua condecoração.

As obras de Niemeyer são símbolos apreciados e louvados no Brasil e no mundo pelo modo revolucionário de pensar o espaço. Eu não tinha noção da importância, mas agora que eu moro no Palácio da Alvorada eu sei quantas centenas de jovens estudantes, todo santo dia, ficam na porta do Palácio da Alvorada com a maquininha para tirar fotografia daquela coisa extraordinária que Oscar Niemeyer fez. Modo este que influenciou o projeto do Palácio Gustavo Capanema, na época definido pelo poeta pernambucano Joaquim Cardoso como a catedral da moderna arquitetura mundial. Um artífice da arquitetura, como Niemeyer, simboliza a criatividade do brasileiro e a sua capacidade de cultivar uma leitura própria do mundo. E justamente por isso sua obra representa muito bem o nosso patrimônio artístico e cultural, patrimônio este que deve ser preservado e eternizado.

E foi justamente com esse objetivo que, em 1937, no mesmo ano em que se iniciavam as obras deste Palácio em que estamos, o presidente Getúlio Vargas promulgou o decreto que criava o embrião do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Minhas amigas e meus amigos,

Ao celebrarmos os 70 anos do Iphan, estamos festejando a interação entre artistas e cientistas, que nos possibilitou preservar bens materiais e imateriais pelos próximos séculos.



Cumprindo esse papel, o Instituto tornou-se um dos principais guardiões de nosso fabuloso patrimônio histórico e cultural. E esse patrimônio é tão grande que transcende as instituições oficiais, não cabe entre as quatro paredes dos museus e nem pode se assentar apenas sobre as estantes das bibliotecas.

Nossa cultura está baseada na diversidade, vem das academias e dos morros e se mostra, principalmente, no cotidiano e nos saberes do povo brasileiro.

É justamente por isso que o Estado brasileiro está reconhecendo também a relevância de um dos nossos maiores símbolos, um dos principais embaixadores do País diante dos outros povos: o samba carioca.

Eu, o Gilberto Gil conhece isso, outros companheiros que viajam conhecem isso, mas nós, que viajamos pelo mundo, tendo contato com presidentes, ministros, reis, rainhas, sheiks e outros que tais, é impressionante o que o samba significa para pessoas que nem conhecem o Brasil. Eles sabem que é bom, têm inveja de não ter o samba no seu país. Podem ficar certos de uma coisa, não tem uma pessoa que converse comigo, no exterior, que eu não a convide para vir ao Brasil, na época do carnaval. Se viessem todos na época do carnaval, eu nem poderia atendê-los, porque é um dia para cada um.

Mas, de qualquer forma, perderão todos aqueles que não conhecerem o carnaval carioca. Este é um sábio senhor descendente de ritmos e cantorias ancestrais, vindo da África, de melodias e poesias vindas da Europa, mas que encontrou no Brasil o seu berço, o seu lar. Foi aqui que, ao mesmo tempo, animou as noites e os dias dos povos dos terreiros e cantou sua prosa nos salões da corte.

Mudou de nome, mudou de roupa, mas não perdeu a alma. O samba ainda hoje está presente na Lapa, mas ganhou o País e o mundo. É justamente em suas rodas, com a garotada puxando o partido alto, e ao lado dos mais antigos, que se transmite a sua doce tradição. É preciso lembrar que essa justa



homenagem se realiza graças à iniciativa do Centro Cultural Cartola, entidade que reflete na formação de sua diretoria, de seus conselhos e em seus projetos juntos à comunidade, o enorme poder da sociedade civil organizada.

Houve tempo em que um de nossos maiores sambistas, aqui presente, o Nelson Sargento, lamentava a agonia do samba. Mas a mesma canção eternizada pela Beth Carvalho, em 1978, afirmava que o samba não morreria. E não morreu, nem mais agoniza. O samba está vivo, forte e jovial como nunca. E continua sendo aquele que Noca, da Portela, cantou: uma eterna semente solta pelo ar, fecundado de felicidade por onde for.

Meus parabéns e muito obrigado.